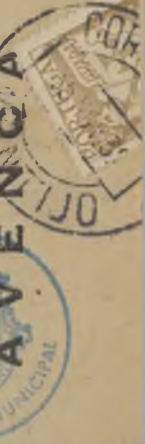


CDU
REGISTO Nº
ESTANTE

MONTIJO

SEMANÁRIO REPUBLICANO REGIONALISTA

(Defensor dos Interesses Locaes)

Composto e Impresso
na Tipografia SIMÕES — SETUBALPropriedade da Empresa
de Publicidade do «Montijo»Redacção e Administração
Praça 1.º de Maio — MONTIJODirector :
Dr. M. Paulino Gomes
Editor :
J. A. Xavier Lopes
Administ. :
Joaquim Ameixa
ASSINATURAS :
Série de 10 num. \$500
ANUNCIOS
(Contracto especial)
VISADO PELA CENSURA

A Casa dos bicos e o Caes da Ribeira Velha

No ano de 1878, embora existisse a Companhia de Navegação do Tejo e Sado, que tinha obrigação de fazer carreiras regulares entre Lisboa e Azambuja, com escala pela Alhandra, Vila Franca e Carregado; entre Lisboa e Aldeia-Galega, no Montijo, Moita, Cacilhas, Belem, Porto Brandão, Trafaria e Paço d'Arcos e, no Sado, entre Setúbal e Alcácer do Sal, conforme carta de lei de 24 de Novembro de 1837, o certo era que todo o tráfego e passageiros desta Vila era feito por Falúas, que partiam do nosso Caes para o Caes da Ribeira Velha (Sete cazas).

A ponte, hoje denominada «a ponte dos Vapores», que existe desde 24 de Agosto de 1852, com 315 metros de comprimento, só era aproveitada pelas Falúas em certas marés.

Esta Vila estava ainda em franca decadência, devido ás perturbações políticas por que passou o paiz e muito principalmente por ter sido daqui retirada a porta terminus do Sul e todo o tráfego de mercadorias do Alentejo com a abertura á exploração do Caminho de Ferro, pela Empresa conhecida pela «Companhia Brazileira», entre o Barreiro e Vendas Novas, com um ramal de Pinhal Novo para Setúbal, empresa esta que veio substituir os primitivos concessionários de 22 de Julho de 1854, que se propunham estabelecer uma linha férrea de Aldeia-Galega a Vendas Novas e sua possível continuação para Évora e Beja, tendo um ramal para Setúbal, Alcácer, São Thiago e Sines.

A Estrada Real da Mala-Posta, que, desde 13 de Janeiro de 1533, era a mais concorrida do Paiz, visto que esta estrada era, e não podia deixar de sêr a estrada principal do reino, porque punha a Capital em boa comunicação com a Espanha e pela Espanha com a Europa fôra votada ao mais completo abandono, por já não interessar aos correios.

A vida comercial da Vila dependia cada vez mais de uma boa ligação com o Pinhal Novo, estação mais próxima do Caminho de Ferro, e foi neste sentido que os seus dirigentes empenharam os seus esforços até serem ouvidos pelos poderes públicos.

Os habitantes procuraram novos meios de trabalho e sem outro auxilio do que a sua boa vontade, elles ali vão na falua para Lisboa com o cabaz da carne ensacada e a promover tambem a venda dos productos da sua terra.

Ao pé do Caes da Ribeira Velha, na Rua dos Bacalhoeiros, existe um dos edificios mais curiosos de Lisboa, é a *A Casa dos Bicos*. Temos nela uma das reliquias do século XVI, que todos os homens antigos desta Vila conhecem, alguns até lá peruvitaram, visto ser nessa época uma casa de hóspedes.

Braz de Albuquerque, filho bastardo de Afonso de Albuquerque, por êle reconhecido em testamento e seu Her-

Construção do Hospital

O nosso editorial de domingo passado mereceu justos reparos da parte do nosso muito presado assinante sr. Diogo Tavares, muito digno tesoureiro da Câmara Municipal dêste Concelho.

Diz-se naquele artigo e com referência ao postal que nos enviou o nosso também presado assinante sr. José Augusto Saloio que o semanário «O Domingo», em 28 de Novembro de 1915, fechara uma subscrição pública com a quantia de Esc. 1.207\$36, a qual foi depositada na tesouraria da Câmara Municipal do nosso concelho. Essa quantia destinava-se, segundo o aludido postal dizia, á construção de um hospital nesta vila.

Depreendia-se assim que devia haver em poder da tesouraria da Câmara Municipal a mencionada quantia de Esc. 1.207\$36 que deveria ser entregue á actual Comissão Angariadora de Donativos.

Sucedo, porém, que o actual tesoureiro sr. Diogo Tavares não tinha em seu poder tal importância, nem mesmo ela existiu na tesouraria da Câmara. Apenas ali existiam uns rolos de moedas de cobre e mais uma pequena quantia entregues ao referido sr. tesoureiro pelo nosso director, então chefe de Secretaria da Câmara e pelo sr. José Augusto Saloio. Esta minguada quantia única existente da subscrição a que alude o postal em questão e única cobrada da mesma subscrição fôra já entregue pelo sr. Diogo Tavares á Comissão Angariadora de Donativos, o que nós tambem desconheciamos.

E' certo que, na subscrição iniciada pelo sr. José Augusto Saloio e pelo sr. General Madureira Chaves, nas colunas do antigo jornal «O Domingo», se inscreveram algumas pessoas e entidades locais, entre elas a própria Câmara Municipal com a verba de Esc. 1.000\$00, inscrições estas que não chegaram a efectivar-se materialmente por virtude da inviabilidade manifesta dos resultados da subscrição. A soma dessas inscrições é que daria, assim, a totalidade de Esc. 1.207\$36, a que atraz fizemos referência.

Certamente o sr. José Augusto Saloio, ao enviar-nos o postal, que publicámos no nosso número anterior se reportou á subscrição aberta no seu antigo semanário, sem ter constatado a realização material da dita subscrição.

Da nossa parte, embora tivéssemos reparado na parte do postal em que se afirma: «quantia esta que, como sabe, (o itálico é nosso) foi depositada na tesouraria dêste concelho fomos na melhor boa-fé na esteira das indicações feitas no postal do nosso amigo sr. José Saloio, crentes de que elas constituiriam a expressão exacta da verdade.

Não houve, não havia, nem podia haver, no entanto, nem pela parte do sr. José Augusto Saloio, nem pela nossa parte, a mais leve intenção de atingirmos o actual tesoureiro da Câmara Municipal do nosso concelho. O intuito de um, seria quando muito, revelar o facto de já ter havido alguém que tomara a iniciativa da construção de um hospital na nossa terra, demonstrando êsse facto com a abertura duma subscrição cujo montante julgava ter sido todo realizado. A intenção de outro — a nossa — foi unicamente o de dar guarida a um pedido feito por um seu amigo e assinante, convencido na maior boa-fé na exactidão de tudo quanto no postal se dizia.

Temos pela honra alheia um respeito que vae ao ponto até de ser uma veneração. Temos, no caso presente, pelo sr. Diogo Tavares, uma admiração que nos leva a reconhecê-lo como um dos homens mais absolutamente honestos, com quem nos tem sido dado o prazer de privar. Ninguém, que seja probo, que tenha bom carácter, seria capaz de julgar que, da parte do honradíssimo tesoureiro da nossa Câmara Municipal, houvesse, no assunto em questão, a mais leve falta. Estamos tambem convencidos de que êste nosso amigo não pensa que da parte do sr. José Augusto Saloio ou da nossa, existisse a menor intenção de bulirmos na comprovada pureza das suas qualidades.

Quanto anós, podemos atestar o que afirmamos com o facto de, quando do abandono da tesouraria pelo seu antigo titular, termos sido das pessoas que mais contribuimos para que a substituição recaísse no

(Ver continuação na 2.ª página)

A Casa dos bicos e o Caes da Ribeira Velha

deiro universal, foi o fundador dessa casa com os seus, que de seu pae lhe vieram e El-Rei D. Manuel lhe aumentou.

Tem havido, por vezes, confusão, attribuindo-se a fundação da Casa dos Bicos a Afonso de Albuquerque, mas esta foi devida a Braz de Albuquerque por carta régia ter mudado o seu nome para «Afonso» desejando por êste modo D. Manuel perpetuar a memória do grande capitão das Indias, em seu filho.

As lendas populares e quantas delas passadas á literatura, procuram justificar a fantasia de carregar a fachada da casa com pedraria valiosa em cada lirico, para mostrar riqueza e ofuscar os outros ricos de Lisboa e seu povo com o brilho puro de pedraria. Isto é um absurdo porque nem Braz d'Albuquerque foi homem perdulário e insensato nem as dádivas dadas pelo Rei, pelos serviços prestados por seu Pai na India, foram de molde a tal poder fazer, além disso, era uma pessoa inteligente mais que o vulgar e isso nem o provou no cargo de véreador da Camara de Lisboa de que depois foi por muitos anos o presidente.

Talvez se deva procurar a origem desta caza no facto do presidente do Municipio dêr exemplo para a transformação da Judiciaria Velha ou Judiciaria grande que ficava entre a Igreja da Madalena e o Tejo (parte do mar), (a Ribeira-Velha) e a não ter palácio algum para viver.

O tombo geral que o Marquez de Pombal mandou fazer da cidade de Lisboa, após, o terramoto de 1755, traz as medidas da caza; 93 palmos e meio de frente, 76 palmos de fundo na Rua do Almargem até á do Albuquerque, com loja, sobre loja e dois andares.

As armas dos Albuquerque estavam na fachada virada ao norte, que dá para a Rua do Albuquerque, e onde era a porta mais larga, o que faz supôr que a frente seria para êsse lado; teria esta primitivamente «Bicos» tambem? Ou ficaram estas apenas, para o lado da Ribeira Velha?

Há ruínas que se conservam com a dignidade da dignidade que tiveram.

Há ruínas abandonadas que tardam em abater-se, que vão movendo pedra a pedra, que duram séculos. Não os guardam ferros nem o humilde trato sumário, guardam-se a si próprias. E' este o caso da «Casa dos Bicos».

Carlos Hidalgo Gomes de Loureiro

TELEFONE NA ATALAIA

Inaugurou-se na «quinta-feira passada» um locutório telefónico no lugar de Atalaia, desta freguesia. O facto foi-nos comunicado directamente daquelle local pelo empregado encarregado dos serviços respectivos nesta vila, o qual quiz ter a gentileza de comunicar ao nosso semanário a inauguração, executando-a connosco.

Físico-Cultura

FOOT-BALL

No campo dos Onze Unidos

Domingo, 6 de Novembro

Poucos "goals..."

Mais um "score" que não traduz o jogo

ONZE UNIDOS, 7

G. D. S. "OS 13", 1

Dizemos, intitulado esta crónica, que o «score» não deixa transparecer o que foi a partida de domingo. E efectivamente assim é. O Onze Unidos, embora actuando mal, jogou quasi os noventa minutos dentro do campo do seu antagonista — mais um desses «onzes», quasi sem concêrto, que é hábito aparecerem nos nossos campos.

Não nos admira só quem os contrata. Admira-nos, sobremaneira, os contratados — onze impávidos matulões que têm o desprante de se «trajarem» de «foot-ball» e de se exibirem diante dum público (que, quando não retira compungido, fica ali a suportá-los, cheio de tédio e bocejando de momento a momento) para correrem impiedosamente atrás duma inocente bola — sem, contudo, conseguirem alcançá-la...

7-1. Muitos «goals», é certo. Mas deviam ter sido mais para mostrar bem o que o encontro foi.

Se além das setes bolas que o club local obteve, obtivesse mais sete — e para isso talvez bastassem as ocasiões desperdiçadas já com «goal» à vista — estaria feito, julgamos, um resultado que se harmonizava com a fisionomia deste desafio, que classificamos de pobre, muito pobre mesmo.

Do jogo, há somente duas fases que merecem referências: o «goal» de Alfredo, marcado directamente na execução de um «corner» e o lance que precedeu o 2.º ponto. Dimas, atrazado, passa em profundidade ao seu extremo, êste, colocado, recolhe muito bem o passe, chama a si os defesas setubalenses, e devolve a Humberto que, só, em frente das rêdes, atira para onde quere. Lance muito bom pela oportunidade e rapidez com que foi delinheado.

Foram autores dos «goals»: Dimas (4), Humberto (2) e Alfredo (1).

Os jogadores de Setúbal obtiveram o seu único ponto num pontapé de grande penalidade com que os «vermelhos» foram punidos por «foul» do seu defesa esquerdo.

O «Onze Unidos» apresentou os seguintes elementos:

Vieira; J. António e Fernandes; Quirino, Barrento e Segismeno; Carapinha, J. Vieira, Dimas, Humberto e Alfredo.

O bloco defensivo, nas poucas ocasiões que interveio, mostrou-se seguro. Os médios laterais, êsses, o mesmo de sempre: com muita combatividade mas muito pouco médios...

¿ Porque não experimentam a diminuir a intensidade dos seus pontapés formidáveis, que ninguém aproveita, transformando-os em pequenos lançamentos aos seus avançados, aliviando, assim, o trabalho dos seus interiores?

O médio centro, menos «fugoso», agradou-nos mais. Dos «forwards», Humberto foi o melhor; muito batalhador.

Dimas recebe sempre a bola voltado

para o seu campo e tem muito dificuldade em voltar-se para passar, acusando falta de mobilidade. J. Vieira foi mais que nulo: foi prejudicial. Carapinha e Alfredo muito indolentes.

Nota paradoxalmente interessante: a linha avançada do «Onze Unidos» foi melhor servida pelos médios adversários do que pelos seus!...

A apreciação dos visitantes torna-se, como ingrata missão, um pouco difícil...

No entanto, vamos tentar classificações: consideremos o «team» um zero.

O guarda-rêdes, extremo direito e avançado centro conservaram-se á altura da «equipe», isto é, foram também zeros.

Os outros, principalmente os médios, — que auxiliaram maravilhosamente os avançados adversários — muito aquém dêsse limite...

O jogo foi dirigido pelo sr. Mário Silva. Trabalho fácil que, à parte pequenos deslizes, foi aceitável.

Manuel Marques

No Campo do Sport
Miséria... muita miséria...

Sport, 9 — Campolide, 0

O jogo do passado domingo, entre o Campolide Foot-Ball Club e o Aldegalense Sport Club, foi o pior de todos os que temos visto na presente época.

Foi um encontro que nem devia ter a honra dum relato. Fazêmo-lo por descargo de consciência.

O Campolide não merece o nome de grupo de foot-ball, se é que realmente a sua categoria de honra é aquela. O «team» que o Sport nos apresentou, mixto de reservas e honra, se o fôssemos a julgar pelo que fez, pouco acima ficaria da classificação dada ao seu adversário.

Sabemos que o Conselho Técnico do Sport realisoou este encontro em virtude dos pedidos instantes do Campolide, parece-nos, há três anos a esta parte. Isso porém não desculpa os superintendentes do foot-ball no grupo dos azuis. Depois de nos terem apresentado o Caldas Sport Club deviam esforçar-se por trazer agrupamentos superiores a êste e não da categoria do Campolide. Isso só os deslustra e faz com que o público abandone por completo o seu campo de jogos. E assim o Sport, e com êle o foot-ball local, nunca sairão do marasmo em que têm vivido.

O encontro pouco tem que contar. Domínio absoluto dos locais que, se não tivessem jogado tam mal, teriam marcado muito mais bolas.

Pontapés na atmosfera, tortos, contrários, etc., foi o que mais se viu naquela tristíssima tarde de domingo. O Sport marcou nove «goals» — podia ter marcado vinte que não nos admiraria... Era só questão de ter sabido jogar. Seis bolas no primeiro tempo — o menos mau — e três no segundo, que foi péssimo.

Os marcadores foram: Caria, (3), Marques (3), Timóteo, Carreira e Caribita, um cada.

Jogadores, não se podem salientar. Caria, Marques e Oliveira os mais razoáveis. Lavradio... fez cinco defesas.

Do Campolide só um se distinguiu o interior esquerdo que, no segundo tempo fez, além do seu, todos os lugares de avançado.

A arbitragem esteve a cargo de Adelino Barrento, no primeiro tempo, e José Fernandes no segundo. Os árbitros pouco tiveram que fazer... e talvez por isso não haja que dizer mal.

Paulino Gomes Junior

Construção do Hospital

(Continuado da 1.ª página)

sr. Diogo Tavares, pela certeza nunca desmentida de que em melhores mãos não recairia nunca o cofre da nossa tesouraria municipal.

É com absoluto prazer que escrevemos estas palavras, prestando a nossa homenagem de respeito e consideração a uma pessoa que a todos os títulos é bem digna de ser havida por um dos mais nobres e honrados filhos da nossa terra.

Um lapso, um acto de pura boa-fé, veio dar ocasião a que disséssemos estas palavras, que a nossa pena, guiada pelo nosso pensamento e pela nossa razão, vae imprimindo com absoluta satisfação para as colunas do nosso semanário.

P. G.

No campo do Sport,

2.ª feira 7 de Novembro

Um jogo que acaba triste...

Sport, 2 — Mixto Setubalense, 1

Criticar, «foot-ball» nesta abençoada terra onde se faz uma ideia muito obscura acerca de Desporto, torna-se, como árdua missão, absolutamente impossível.

Agora, é o jogador que actuou mal e que nos mira de soslaio e com a mais cancruda e estudada careta, por nós, criticando, dizermos a verdade!

Logo, são os bons amigos (?), a chamarem-nos injustos, porque uma excessiva e rasgada amizade ao club, de que são partidários, serve para ocultar aos olhos dêles o que de mau se faz, e a quem um extraordinário facciosismo tudo faz doirar, tudo faz reluzir!

Há tempo, houve umas alusões ao que se disse neste jornal sobre a conduta de alguns jogadores do Sport, quando do encontro com o União Moitense. Apodaram de injusta a pessoa que escreveu, disseram que não era razoável, porque só notava as incorrecções dos nossos jogadores e não as dos outros. E agora, porventura, os setubalenses foram incorrectos? Parece-nos que não!

E, por isso, não nos podemos calar.

Ainda que as iras do Senhor nos venham pesar na consciência, ainda que se insurjam contra os furibundos «aldegalenses», não podemos deixar de manifestar a nossa repulsa pela cena absolutamente degradante que se passou na última 2.ª feira: uma violenta desordem, que os outros jogadores poderiam evitar, em vez de a propagarem e a que o árbitro poria termo se tivesse expulsado do terreno os jogadores que originaram o conflito.

Mas isto não sucedeu e, com a marcha do jogo, a repetição não tardou. Foi então que o árbitro deliberou expulsá-los. Porém, essa sua extemporânea decisão não foi acatada pelos jogadores. E daí novo conflito, mas desta vez com o árbitro.

Ora isto é simplesmente intolerável. Assistirá impassível a estas abomináveis cenas o Conselho Técnico do Aldegalense Sport Club?

Achamos que já seja tempo para os nossos jogadores de «foot-ball» enveredarem, de uma vez para sempre, pelo caminho da ordem e da correcção. De contrário só deslustram o nome do club, da nossa terra, e fazem afugentar dos campos de «foot-ball» o público sensato e consciente.

Não nos devem dar razão os «furiosos» aldegalenses. Não nos importa. Dar-no-la-ão as pessoas de bom-senso.

O JOGO

Alinharam pelo Sport:

Fernandes; Farrim e Oliveira; Palpita, Rosado e Pialgata; Marques, Ras-teiro, Caria, Barreiras e Emídio.

O primeiro quarto de hora pertenceu ao Sport. Avançadas muito bem

conduzidas. Neste período de 15 minutos o «team» local insiste bastantes vezes em visar a balisa, atirando mesmo de longe, mas não consegue marcar. O «onze de Setúbal «anima-se» e estabelece-se uma confusão em frente das redes do Sport: a bola, lançada por várias vezes ao «goal», encontra sempre no seu caminho um obstáculo que a faz retroceder, até que aparece um pé providencial que a impele para longe e faz cessar o perigo.

Os locais reagem e realizam uma explênida avançada, que Caria remata, obtendo o 1.º ponto. Havia 22 minutos. Momentos depois, Caria, para «fechar» outra boa avançada, faz 2-0. E é com êste resultado que se chega ao intervalo.

Um bom 1.º tempo. Fértil em fases junto às rêdes, muito entusiasmo, lances admiráveis.

Na 2.ª parte o jogo modifica-se por completo, havendo muito poucas avançadas a registar. Quasi todas as jogadas se fazem a meio campo, e a partida torna-se monótona.

A 5 minutos do fim os setubalenses marcaram o seu ponto de honra. Segue-se um «penalty» contra o «team» visitante — que o árbitro devia ter mandado repetir porque o guarda-rêdes adiantou-se à bola antes dela ter sido jogada.

E o jogo interrompe-se aqui, porque Marques delibera dar início às cenas de pugilato.

O mixto de Setúbal é um «team» aceitável. Agradou-nos, principalmente, o trio defensivo.

Os melhores do Sport foram Cana e Palpita. O primeiro esteve muito feliz a distribuir e a rematar — o segundo foi um precioso auxiliar dentro na defesa como no ataque. Os outros satisfizeram-nos.

A arbitragem, que teve muitas falias, esteve a cargo de José Rodrigues.

Manuel Marques

Afim de solucionar um conflito tecido à volta do encontro Caldas-Aldegalense sobre se seria o Caldas Sport Club ou o Atlético Marinense detentor do título de campeão do distrito de Leiria, pede-nos o Conselho Técnico do Aldegalense Sport Club para transcrevemos a seguinte carta, publicada em «Os Sports» de segunda-feira última:

«Caldas da Rainha, 1 de Novembro de 1932.

Sr. Director de «Os Sports»

«Em Junho dêste ano devia-se disputar a final do campeonato de foot-ball do distrito de Leiria, em 2 desafios, entre o Caldas Sport Club e o Atlético Club Marinense, respectivamente campeões das zonas Sul e Norte do distrito. Estes desafios não se chegaram a realizar por o Caldas Sport Club ser castigado com 3 meses de suspensão, pela Associação de Foo-

Ball de Leiria, por não dar jogadores para um jogo treino, destinado a apurar a selecção do distrito.

A direcção do C. S. C. não tem culpa no que succedeu, porque recebeu o aviso para a convocação dos jogadores 3 horas apenas antes do treino, quando esse aviso lhe deveria ser entregue com 48 horas de antecedência, pois assim está previsto nos regulamentos da A. F. L. Não havia, portanto, tempo para avisar os jogadores para esse dia, estando eles nos seus empregos.

O C. S. C., desde que foi castigado, não podia forma alguma disputar a final e, portanto, tinha que ser proclamado campeão do distrito o outro finalista, que era o Marinhense. Foi esse fim que teve em vista a A. F. L., que tem agido sempre debaixo de intrigas mesquinhas, favorecendo os clubs do Norte em prejuizo dos do Sul.

O Caldas Sport Club resolveu, então, reclamar do castigo que lhe tinha sido imposto para a assembleia geral da A. F. L., determinando a assembleia que se conservasse o castigo de 3 meses applicado ao C. S. C., mas continuando o campeão depois do defeso. O C. S. C., viu os seus desejos realisa-dos: jogar a final com o Atlético Marinhense.

A A. F. L. resolveu marcar, em Setembro último, um 2.º jogo para a final nas Caldas da Rainha entre os dois finalistas, e deu 3 pontos ao Marinhense e 0 pontos ao Caldas, por falta de comparência no 1.º jogo, ao qual não podia, aliás, comparecer, por se achar castigado!

Porque motivo não puniu então a A. F. L. o Marinhense, que também não compareceu em campo, pois sabia muito bem que o C. S. C. não podia jogar porque se achava castigado?

Vejam e observem isto os leitores de «Os Sports»! O C. S. C. castigado com «os pontos» por falta de comparência a um desafio em que não podia jogar...

Como disse, a final é disputada em dois jogos. Ora concedendo a A. F. L. três pontos ao Marinhense e zero ponto ao C. S. C., de que lhe valia ir jogar o outro desafio? Mesmo que ganhasse, sabia que perdia o campeonato...

Espero que a Federação Portuguesa de Foot-Ball fará justiça ao C. S. C. como fez ao Lusitano de Vila Real de Santo Antonio e Juventude de Évora. — *Um caldense imparcial*

O conselho técnico do Aldegalense Sport Club julga, pois, que ficarão assim dissipadas todas as dúvidas sugeridas em redor deste caso.

Dirigidas pelo sr. Silva Marques, iniciaram-se, no passado dia 3, as aulas de ginástica para todos os atletas do Aldegalense Sport Club.

Para defrontar o Caldas Sport Club e o Atlético Club Marinhense, deslocase no próximo mês de Dezembro às Caldas da Rainha e à Marinha Grande o «team» de honra do Aldegalense Sport Club.

Realiza-se hoje, no campo do Onze Unidos, um desafio de «foot-ball» entre este club e a selecção de Setúbal que se bateu na passada segunda-feira com o Aldegalense Sport Club.

VENDE-SE

Uma fazenda de boas terras no Córte do Pena.

Trata-se com Pedro Narciso da Silva.

VENDE-SE

Telha de Alhandra, em 2.º mão.

Pedra de alvenaria para caboucos, Tratar com Francisco José da Silva — MONTIJO.

Noticias pessoais

Fazem anos :

Na próxima terça-feira o sr. Sebastião Leal da Gama e o nosso estimado amigo e assinante sr. António Joaquim Lucas.

— Na quinta-feira o nosso muito presado conterrâneo e colaborador sr. Jorge Armando da Costa Antunes, aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Porfírio da Luz Claro, aluno do 2.º ano dos liceus.

— Na sexta-feira o nosso presado amigo e assinante sr. Francisco Soeiro Garroa.

A todos os nossos cumprimentos.

Falecimentos

— No passado domingo faleceu nesta vila o sr. António de Oliveira, nosso estimado assinante e actual gerente da farmácia Moura desta vila.

— Também na semana finda faleceu a sr.ª D. Umbelina Marques, mãe do nosso presado conterrâneo sr. António Marques da Bernardina e sogra do nosso também estimado conterrâneo sr. Domingos Mendes.

A's famílias enlutadas endereçamos os nossos pêsames.

J. GODINHO

Oficina de canteiro e escultura

Especializado em construções de jazigos, ossarios de capelas, mausoleus, campas, epitafios, limpeza e reparações dos mesmos. Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil, tais como: Pias, poiais de pote, lava louças, lava copos e marmores polidos para estabelecimentos e mobiliario.

Preços modicos

Estrada do Lavradio, 8
(Perto do Cemiterio)

BARREIRO

ANUNCIO

(1.ª publicação)

No dia 20 de Novembro próximo pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta Comarca e pelos autos de execução por custas que o Ministério Público move contra Manuel Nicolau, também conhecido por José Moraes, solteiro, agricultor, residente no sítio do Forno do Vidro, freguezia da Moita, desta comarca, vae pela primeira vez á praça para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor da sua avaliação, o seguinte: — Uma porção de terra de sementeira, com um barracão, situado no sítio do Forno do Vidro, freguezia da Moita, descrito na Conservatória desta comarca sob o n.º 9588, no livro B-26, que vae á praça no valor de 12.000\$00.

Pelo presente e respectivos editais são citados quaisquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 28 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 1.º officio,

Alvaro Baptista Pereira

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

J. Raposo

EDITOS

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da Comarca do Montijo, pelo cartorio do escrivão do 3.º officio, correm editos, citando D. ADELAIDE JOAQUINA GUEDES FARIA TIerno, ausente em parte incerta, para comparecer, querendo, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Rua Dr. Afonso Costa, desta vila, no dia 13 de Novembro, proximo, pelas 15 horas, a fim de, na qualidade de senhoria directa do predio a arrematar nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Público move contra Emilia, de seis anos de idade, filha de Antonio Gomes Nogueira, do sítio do Cabeço Verde, freguezia de Alhos Vedros, assistir á arrematação e deduzir, querendo, os seus direitos de preferencia.

Montijo, 14 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 3.º Officio,

João Frederico de Brito Figueirôa Junior

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. Raposo

ANUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 13 do corrente mez de Novembro pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta Comarca, e pelos autos de inventario orfanologico a que se procede por falecimento de Maria Gertrudes Raimundo, viuva, residente que foi nesta vila, e de que é inventariante Emilia da Silva Raimundo, também nesta vila residente, vae pela terceira vez á praça sem valor, para ser arrematado por quem maior preço oferecer, o seguinte: — Prédio urbano formado por lojas e primeiro andar na Avenida João de Deus, (antiga Rua Nova) desta vila, descrito na conservatoria sobre o n.º 885 a fl.º 55 curso do L. B. terceiro. — Pelo presente e respectivo edital são citados quaisquer credores incertos e bem assim os herdeiros do credor hipotecario José Marques Cepinha, residente que foi nesta vila, para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos. — Declara-se que a ciza será paga por inteiro pelo arrematante.

Montijo, 2 de Novembro de 1932.

O Escrivão do 1.º officio,

Alvaro Pedro Baptista Pereira

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

J. Raposo

VENDE-SE

Casa com quatro óptimas divisões e quintal sita no Bairro Vila Maria (antigo Bairro dos Carros), desta vila.

Tratar com Augusto da Silva, Largo do Laranjo, Montijo.

EDITOS

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Montijo, cartório do escrivão do primeiro officio, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando o credor hipotecario inscrito, FRANCISCO GONÇALVES CALADO, cuja última residência conhecida foi na cidade de Lisboa, na rua Cais de Santarém, e actualmente ausente em parte incerta, para, naquela qualidade de credor, assistir a todos os termos até final dos autos de execução fiscal que a Fazenda Nacional move contra os herdeiros de José Luiz de Oliveira, de Alcochete, sob pena de revelia.

Montijo, 27 de Outubro de 1932.

O escrivão do 1.º Officio,

Alvaro Pedro Baptista Pereira

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. Raposo

ANUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 13 de Novembro, próximo pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Rua Dr. Afonso Costa, desta vila, e pelos autos de execução por custas e selos que o Ministério Público move contra Emilia, de seis anos de idade, filha de Antonio Gomes Nogueira, do Cabeço Verde, freguezia de Alhos Vedros, vai pela primeira vez á praça, para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor da avaliação, o seguinte:

«Uma fazenda composta de terras de sementeira, com casas de arrecadação, no sítio das Arrozeiras, freguezia de Alhos Vedros, prazo foreiro, anualmente, em 2050, não actualizado, a D. Adelaide Joaquina Guedes Faria Tierno, avaliado, em 2 000\$00.

Pelo presente e respectivos editais são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Montijo, aos 14 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 3.º Officio,

João Frederico de Brito Figueirôa Junior

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. Raposo

LEILÃO

Em casa de Carlota Barbosa Ferra, rua dr. Manuel da Cruz Júnior

HOJE, 13 DE NOVEMBRO, pelas 14 horas, será posta em arrematação, adjudicando-se a quem maior lance oferecer, uma fazenda composta de terra de sementeira, vinha e árvores de fruto, com uma casa de arrecadação, no sítio do Carodes, desta freguezia.

Não convindo ao actual proprietário o maior lance oferecido será a fazenda retirada da praça e procedendo-se oportunamente a outra.

Para mais esclarecimento dirigir-se a José Narciso Ferra Júnior, Montijo.

Mannheimer V. C.

Companhia Alemã de Seguros

FUNDADA EM 1879

CAPITAL: 8.000.000 (marcos)

Cincoenta e seis mil contos
(ao cambio de 7\$00)**Sociedade Portuguesa
de Seguros**

FUNDADA EM 1900

CAPITAL: 2.000.000\$00

Sun Insurance Office

Companhia Inglesa de Seguros

FUNDADA EM 1710

CAPITAL: 2.500\$000 (libras)

Duzentos e cinquenta mil contos
(ao cambio de 100\$00)Representadas por: **Joaquim Freire Caria** **MONTIJO**

Em ligação directa com os melhores Brokers de Londres.

Agente segurador do importante grupo alemão

"DEKADE"**(SEGUROS EM TODOS OS RAMOS E EM TODAS AS MOEDAS)****CASA DAS NOVIDADES**

DE

Francisco Vicente LucasEsta casa é a que maior sortido tem
em bonets para homem e creanças, peugas,
artigos de malha, e lãs.Colossal sortido em Bijouterias, Perfumarias,
Brinquedos, Artigos para brindes,
Retrozaria e Papelaria.**A CASA QUE MAIS BARATO VENDE** | Confrontem os nossos preços

Rua Almirante Reis, 65 a 67 — MONTIJO

Depósito Geral de Tabacos
NACIONAES E ESTRANGEIROS
FÓSFOROS E PAPEIS DE FUMAR

TELEF. 17

António Victorino Rodrigues, SUCESSOR

Ferragens, Papelaria e miudezas —

20, R. Guerra Junqueiro, 22
MONTIJO**MAQUINA "SINGER"**

Vende-se.

Em bom estado.

Informa esta Redacção.

Chapeus de senhora

Transformações em todos os modelos.

Perfeição e rapidez: 10\$00

Tingir: 2\$50, só na

CHAPELARIA DA MODA

MONTIJO

Mercearia, Fazendas e tabacos

DE

JOSÉ ANTONIO DE FARIA

Rua Teofilo Braga, 67 — MONTIJO

FAZENDAS

ARRENDA: José Maria de Mendonça — MONTIJO.

A única casa especializada com oficina própria para o fabrico de chapéus e concertos em todos os formatos.

LUCAS & GUERREIRO L. DA**Colossal Sortido de Chapelaria, Camisaria e Gravataria****A Casa que mais barato vende**
Confrontem os nossos PREÇOS**CHAPELARIA DA MODA**

Rua Afonso Pala, 17 a 21 — MONTIJO

Paulino Gomes

ADVOGADO

Montijo